

## BIOPOLÍTICAS NO CAMPO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA E A HUMANIZAÇÃO

Juliana dos Santos Betat<sup>1</sup>, Guilherme E. Wingert<sup>1</sup>; Bruna de Melo<sup>2</sup>; Cassiane Silocchi<sup>3</sup>; Marielli C. Souza<sup>2</sup>; Mikaela Basso<sup>1</sup>; Raquel E. F. De Mello<sup>1</sup>, José R. Junges\*  
Colaborador A<sup>2</sup>, Colaborador B<sup>1</sup>, Nome do Orientador<sup>1</sup> (orientador)

<sup>1</sup>Faculdade de Psicologia UNISINOS, <sup>2</sup> Faculdade de Enfermagem UNISINOS, <sup>3</sup> Faculdade de Fisioterapia UNISINOS, \*PPG em Saúde Coletiva UNISINOS

Apoio: PIBIC/PROBIC/UNIBIC

### Resumo

O artigo “A visão moral dos profissionais de uma UBS e a humanização” escrito pelo grupo de pesquisa utilizou a análise de discurso de repertórios coletados com profissionais de uma UBS de São Leopoldo, buscando ver de que maneira a sua visão moral estava implicada no modo de entender e praticar a humanização. Os resultados apontaram que devido à falta de espaço para auto-análise do grupo, devido à forma como estão organizados os processos de trabalho e devido a certas questões de estrutura e gestão há dificuldades de prestar um serviço com resolubilidade. Assim, compreendem os resultados de suas ações como uma questão técnica e não ética, refugiando-se numa ética da boa intenção e impossibilitando uma ética da responsabilidade que seria mais propícia para promover co-gestão e protagonismo (Junges et al., 2011). A proposta aqui é ampliar a discussão sobre o tema Humanização para que esta não seja capturada por lógicas hegemônicas de controle, sendo necessários dispositivos que permitam a emergência da potência de singularidade nas relações entre equipes, usuários e SUS.

### Introdução

Este trabalho é uma ampliação do artigo “A Visão de Moral dos Profissionais de uma Unidade Básica de Saúde e a Humanização” que, por sua vez é um recorte da pesquisa “O Discurso dos Trabalhadores de uma UBS em São Leopoldo (RS) sobre a Humanização”. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e exploratória através da discussão em oito encontros utilizando o enfoque de grupos focais, dos quais participaram profissionais de diversas especialidades que trabalhavam na referida UBS, quais sejam uma médica, um

dentista, dois enfermeiros, três técnicos de enfermagem, um atendente da portaria, um encarregado do almoxarifado e a gestora da unidade, totalizando 10 participantes.

O artigo em questão analisou a visão moral dos profissionais e como ela implica a prática e o modo de conceber a Humanização. Assim sendo, o objetivo deste trabalho é expandir a discussão referida através da perspectiva das dinâmicas biopolíticas que atravessam o campo da saúde com o foco na atenção primária.

A Política Nacional de Humanização não pretende ser uma biopolítica de práticas verticalizadas. Pelo contrário preconiza: a produção de saúde ultrapassando as fronteiras dos núcleos de saber/poder pela transversalidade; tendo como princípio de que a produção de saúde é sempre produção de subjetividade. Isso ocorrendo através do protagonismo dos profissionais e usuários como sujeitos incentivados pela co-gestão; pela co-responsabilidade. Para que isso possa emergir é necessário que a práxis seja pautada por atitudes ético-estético-políticas, conforme a própria política propõe (Brasil, 2004).

Foucault explicita as dinâmicas biopolíticas a partir de dois conceitos: Disciplinamento do corpo que passa a ser o depositário das disciplinas que o compartimentalizam e o entendem como máquina de produção; e Controle da população através do seu enquadramento e normatização de regulação através de critérios sanitários. Para o autor a modernidade significou uma gestão política da vida (Foucault, 2010). As dinâmicas biopolíticas da gestão da vida são os referenciais simbólicos para a construção da subjetividade na modernidade, produzindo necessidades, relações sociais, corpos e mentes (Junges et al., 2011).

## **Metodologia**

Para ampliação da discussão foi utilizado o método da hermenêutica de profundidade proposta por de Thompson, afim de auxiliar na análise das dinâmicas biopolíticas que atravessam o campo da saúde, na busca por uma bioética crítica da atenção primária. Compreende três etapas: análise sócio-histórica, análise discursiva e re-interpretação (Thompson, 1998). A análise sócio-histórica busca a reconstrução das condições sociais de produção, circulação e recepção das formas simbólicas que não se produzem num vácuo; já a análise formal ou discursiva pretende examinar as formas simbólicas na perspectiva de sua estrutura interna, através de um tipo de análise formal, no caso o utilizado foi a análise de discurso; e já a Interpretação/ Re-interpretação procura a construção de uma explicação interpretativa plausível que possa ajudar o sujeito implicado a se reinterpretar.

## **Resultados e Discussão**

Partindo de que a PNH apresenta-se como uma biopolítica pública que não pretende uma normatização de sujeitos e práticas, mas que preconiza novas formas de relações entre os atores e poderes envolvidos na dinâmica do SUS através de movimentos micropolíticos que provocam tensionamentos nas vivências diárias dos serviços entre propostas instituintes e funcionamentos instituídos. O desafio é poder olhar a questão das biopolíticas enquanto referenciais simbólicos agindo nos processos de subjetivação, exigindo assim uma reapropriação política-moral das práticas para atingir-se maiores níveis de autonomia e de autoria no atual contexto da saúde coletiva. Quando se entende a moral como pura boa intenção considera-se os resultados da ação como uma questão técnica, por exemplo, a resposta para o problema da demanda como uma aplicação de procedimentos sem uma reflexão sobre a sua construção social, e conseqüentemente sem espaço para uma responsabilização sobre as mudanças necessárias.

## **Conclusão**

Conclui-se que a Humanização não pode ser capturada por lógicas hegemônicas de controle, sendo necessários dispositivos que permitam a emergência da potência de singularidade nas relações entre equipes, usuários e SUS. E, para desencadear mudanças nas relações de poder é preciso explicitar quais formas simbólicas exercem influência nas práticas e discursos.

## **Referências**

- BRASIL. **Humaniza SUS. Política Nacional de Humanização**. Brasília Ministério da Saúde. 2004.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- JUNGES, José Roque. Direito à saúde, biopoder e bioética. **Interface**, Botucatu, v. 13, n. 29, Junho 2009.
- \_\_\_\_\_, José Roque et al. A visão de moral dos profissionais de uma unidade básica de saúde e a humanização. **Interface**, Botucatu, v. 15, n. 38, Set. 2011.
- THOMPSON, J.B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WEBER, M. **A política como vocação**. Brasília: Ed. UnB; 2003.